Prof. Osvaldo Bastos Neto

Como entender as "Áreas Conflagradas": ensaio sobre a formação e o conceito para a Segurança Pública.

Ensaio Integrante da REVISTA CRISTERA do Centro de Estudos Professor Osvaldo Bastos

https://cursosprofosvaldobastos.com

2024

Sumário:

1. **Introdução**

2. **Um breve histórico do problema: a formação e influência do crime organizado**

3. **Da Rebelião à Revolução**

4. **Perspectivas e Conclusões**

5. **Bibliografias e Referências**

"O ópio deve ser considerado uma arma poderosa. Foi empregado por imperialistas contra nós, e agora devemos usá-lo contra eles."

Mao Tse-Tung

1. Introdução[1]

Este ensaio tem o objetivo de organizar ideias e informações que possam explicar a realidade do que atualmente, no ambiente da nossa segurança pública, vem sendo denominada de "áreas conflagradas". Trata-se de uma síntese do conteúdo da disciplina "Crime Organizado: dinâmicas e adaptações", do "Curso de Enfretamento em Áreas Conflagradas" – CEARC/PMBA. Essa síntese deve oferecer, além do próprio conteúdo, bibliografia sobre os assuntos abordados para facilitar os trabalhos de estudos e pesquisas. Há um esforço em articular três variáveis que podem explicar o fenômeno aqui abordado das "áreas conflagradas", são elas: "a formação e influência do crime organizado", "do terrorismo ao narcoterrorismo e a nova guerrilha urbana" e "da rebelião à revolução".

Muitas das informações aqui citadas são de períodos anteriores, outras mais atualizadas. A utilização desse método visa mostrar que, os problemas atuais têm origens mais distantes e, também, evitar que este ensaio pudesse ser interpretado como um conjunto de denúncias, já publicizadas por vários meios de comunicação. Visa mostrar também que, aqui no Brasil, aquilo que chamamos de "crime organizado" nas favelas e presídios, está muito longe de poder ser equiparado às organizações mafiosas, que realmente comandam países inteiros ou, ao menos, setores de suas economias.

O verdadeiro crime organizado é composto por homens e mulheres que, quando se apresentam em público, são pessoas elegantes, muito bem vestidas e que,

[1] Prof. Osvaldo Bastos: Bacharel em Direito, Bacharel em Ciências Sociais, Metre em Sociologia, MBA Master Leader: gestão executiva e liderança estratégica. Professor, escritor, palestrante, criador e coordenador do Centro de Estudos Professor Osvaldo Bastos www.cursosprofosvaldobastos.com Trabalho destinado a compor material didático da disciplina "Crime Organizado: dinâmicas e adaptações", do "Curso de Enfretamento em Áreas Conflagradas - CEARC", organizado e coordenado pela Major Ana Cidreira PM/Ba.

aparentemente, estão acima de qualquer suspeita. Aqui no Brasil, quando são denunciados, são tratados como fatos isolados e publicizados como “escândalos”.

Os líderes de gangues nas favelas que conseguiram expandir seus negócios e se tornaram conhecidos, continuam demonstrando um perfil próprio da pobreza dos países subdesenvolvidos. A costumeira ênfase nestas pessoas faz esconder uma realidade muito mais complexa e assustadora. Em qualquer lugar, nenhum tipo de crime ou organização criminosa, pode alcançar proporções ameaçadoras ao tecido social e institucional, se não houver, no mínimo, a participação permissiva do Estado e governos. Aqui no Brasil, não é diferente. Em qualquer país que for pesquisado, se encontrará o mesmo fenômeno.

Nos países subdesenvolvidos como o Brasil, agora chamados de “em desenvolvimento”, as elites e o seu estabelecimento, acreditaram que poderiam manter parcelas inteiras da população sob o domínio da repressão e abandono, temperados com promessas de migalhas, por todo o tempo. O tempo passou e uma parte dessa multidão se cansou de esperar.

Sem dúvida, que já é possível chamar e tipificar o PCC e o CV como organizações criminosas. Porém, a questão é entender como estes grupos adquiriram tanto poder. Como evoluíram de gangues de favelas e presídios para o porte e expansões atuais?

Como todas as variáveis que compõem a tal da “nossa sociedade” confluem para o que chamamos de “áreas conflagradas”? Já faz muito tempo, que a Segurança Pública é tema de debates acalorados nos diversos espaços de convivência. Desde o ambiente acadêmico, policial, jornalístico e senso comum é visível que as diversas perspectivas estão sempre embasadas em perspectivas ideológicas e político-partidárias.

O mais sincero é a busca de respostas para algumas perguntas incômodas, mas fundamentais. São elas: como chegamos até aqui? Por que, atualmente, podemos usar com convicção o conceito, de “áreas conflagradas”? São essas, dentre tantas outras, perguntas que precisamos responder. Para tal intento faremos uso de autores, experiências e reflexões que possam nos ajudar nesta ousada empreitada. Cabe salientar, que este ensaio, não tem a pretensão de trazer as tão ansiadas, “soluções”.

Numa perspectiva muito mais modesta visa apenas contribuir para entender o problema das “áreas conflagradas”. Como surgiram e quais as perspectivas.

Para efeito deste ensaio definiremos, “**áreas conflagradas**”, como setores territoriais em regiões urbanas ou rurais, nas quais, ocorrem confrontos armados permanentes, que, além dos constantes confrontos com as força de segurança estatal, ocorrem também entre grupos e/ou organizações criminosas, visando a conquista de territórios, que acarretam poder, dinheiro e lucro.

Não podemos desconsiderar que o contexto de pobreza e de relações socioeconômicas, flagrantemente desiguais, formam o cenário ideal para o desenvolvimento de toda sorte de crimes, principalmente, para os crimes que trazem poder, dinheiro e lucro. Não é por acaso que, em toda a América Latina, a expansão do tráfico e consumo de drogas seguiu um padrão extremamente semelhante. Mas, é preciso atentar também, para certas diferenças peculiares.

Enquanto as favelas no Brasil foram penetradas e, muitos dos seus membros recrutados para compor um exército de mão de obra farta e barata, voltada pra a distribuição e consumo de entorpecentes, nos países dos Andes a população de perfil socioeconômico semelhante é conduzida para contribuir para a produção e consumo. Enquanto aqui, aos poucos, jovens foram recrutados para compor gangues que articulavam o comércio varejista de drogas nas favelas, nos Andes, com mesmo perfil de jovens, muitos deles foram recrutados, para compor grupos paramilitares e revolucionários. A exemplos das: Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – FARCs, do Exército de Libertação Nacional – ELN e as Autodefesa Unidas da Colômbia – AUC, atuantes na Colômbia. A atração de camponeses na década de 1980 na Bolívia e no Peru para a produção e venda da folha da coca chegou a tal ponto, que afetou produção de alimentos. Boa parte das populações do campo, já não queria produzir verduras e legumes, uma vez que viram no plantio do Epadu, um negócio muito mais lucrativo e seguro.

Chefes do tráfico, como exemplo Pablo Escobar, haviam iniciado uma verdadeira reforma agrária incentivando pequenos produtores rurais a substituírem suas produções de alimento, pela geração e venda de folha da coca. Ocorreu que a produção, venda e exportação de drogas passou a corresponder ao mesmo modelo agrário-exportador, que foi há séculos, construído em toda a América Latina. O problema é que, enquanto os países do cone sul produziam e exportavam alimentos e minérios, estava tudo indo bem para os países beneficiados. A partir do momento que novos produtos como a maconha e a cocaína entraram em cena e passaram a integrar o "pacote das exportações", os países ricos passaram a pagar um preço muito alto, por terem adotado pressões políticas e econômicas, que impedissem o desenvolvimento socioeconômico dos países latinos.

Não tardou, para que setores importantes das economias de todo o mundo fossem tragados para as teias de influência e poder dos novos magnatas do tráfico de drogas e outros crimes, praticados pelas organizações criminosas. Tal como qualquer outro empreendimento de grande porte, a influência na esfera política, empresarial e financeira não tardou em acontecer. Era preciso "guardar" o dinheiro nos "cofres" seguros dos bancos. Era preciso lavar o dinheiro.

Aqui, aparece uma questão muito importante, que diz respeito à constante polêmica sobre a descriminalização do uso de drogas. Geralmente são os pesquisadores economistas que mais fundamentam a descriminalização. Existe em geral, dois argumentos sobre o tema: o de que o Estado perdeu a guerra para o narcotráfico e o outro, que defende que os indivíduos são livres para realizar escolhas e que, o consumo de drogas, é mais uma destas livres escolhas. Ocorre que nenhuma das duas posições mantem-se, quando são apurados os prejuízos à saúde pública e aos vários setores da economia de qualquer país. Esses autores costumam negligenciar, o alcance do dinheiro gerado pelo consumo de entorpecentes. Esses autores "liberais" desconhecem que, o consumo de drogas, financia diversos outros tipos de crimes, inclusive, o terrorismo, em diversas regiões do mundo.

Mesmo os países não produtores arcam com os prejuízos causados pelo uso de substâncias que, comprovadamente, afetam sobremaneira o funcionamento cerebral, causando quase sempre, danos irreversíveis, mesmo em adultos. A queda no rendimento escolar e, queda no rendimento dos trabalhadores, divórcios, aumento do número de moradores de rua, são resultados já bastante conhecidos e com muitas

publicações que gozam de inteira respeitabilidade. Sem falar nos danos cerebrais que afetam a memória, capacidade de concentração, alteração da personalidade e do humor, propensão a surtos psicóticos e, até mesmo, o desenvolvimento de esquizofrenia e suicídios. Então, **não se trata de apenas respeitar as liberdades de escolhas** ou mesmo, de que o Estado perdeu a guerra para o narcotráfico.

Sabemos que mesmo com o desenvolvimento da tecnologia, leis penais tipificadoras, polícias especializadas e outros mecanismos de vigilância e repressão não foram suficientes para causar grandes transtornos na expansão das mais diversas atividades criminosas de cunho mafioso.

Com o tempo, economias inteiras passaram a depender da movimentação financeira oriunda do crime, principalmente, o tráfico e consumo de drogas. As máfias, que já existiam, resolveram renovar e ampliar seus negócios investido naquele novo setor, que já se mostrava bastante promissor. A atuação das antigas máfias na exploração da prostituição, extorsão de comerciantes e contrabando de bebidas e outras mercadorias foram substituídas ou bastante ampliadas, com os novos investimentos no tráfico de drogas, tráfico de pessoas, tráfico de armas e outras coisinhas mais.

Esse grande e lucrativo negócio criminoso, não poderia crescer e prosperar sem que uma rede de apoio e participação fosse detalhadamente montada. Componentes do setor empresarial, financeiro e político foram facilmente cooptados a integrar uma estrutura cada vez mais complexa.

Porém, faltava algo fundamental para que todo empreendimento, seja realmente lucrativo: o mercado consumidor. A pobreza foi inicialmente utilizada como infraestrutura e expansão dos negócios. Somente quando uma nova onda de “democracias” surgiu na América Latina, pelos idos dos anos de 1980, é que a “democracia do pó”, também aconteceu. Esse ressurgimento das democracias na América Latina coincidiu com a estratégica redução de preços dos cartéis andinos, com o objetivo de ampliar os mercados consumidores.

As novas democracias levantaram a onda de que tudo é um direito e que **todos têm todos os direitos**, criando assim, o contexto à apologia do lema herdado da contracultura: “é proibido proibir”. E, mais recentemente, fomentando as campanhas de apologias da descriminalização do uso de drogas e das decadentes “marchas da maconha”. Porém, ainda não era suficiente. Esse mercado consumidor podia crescer muito mais e, muito mais foi feito para isso.

Não faz parte, em regra, do mercado consumidor de drogas, pessoas oriundas de famílias bem estruturadas, qualquer que seja o seu nível de escolaridade e renda, pessoas intelectualizadas, com caráter e personalidade bem formados em valores ético-morais tradicionais venham fazer parte desse mercado consumidor. Em outras palavras, em regra, não fazem parte desse mercado consumidor, pessoas, principalmente os mais jovens, com boas perspectivas de futuro.

Então, o segredo diabólico para a ampliação do mercado consumidor de drogas e outros serviços, e produtos de origem criminosa, estava em retirar toda a perspectiva de futuro, particularmente, dos mais jovens. Fazê-los desistir de tudo aquilo que, por gerações inteiras, tinha sido mantido com muito esforço, tornou-se o caminho estratégico para a ampliação daqueles novos negócios e lucros criminosos.

Não foi por acaso que, o ataque a família tradicional tornou-se pedra angular dessa estratégia. A partir daí, tudo se tornou mais fácil de acontecer. A partir daí foi muito fácil fazer subir o inferno para a terra ao negar, sistematicamente, o cristianismo e suas verdades eternas. O passo seguinte era acelerar a destruição da educação, que já vinha acontecendo desde o início do século XX. Emburrecer e ignorantizar as pessoas era algo fundamental, para que elas não percebessem o que estava acontecendo e se tornassem bastante vulneráveis às ideologias da rebelião, proporcionadas pelos mais diversos meios e, mais recentemente, pela própria educação escolar e acadêmica. Foi a esse fenômeno que, Julien Benda, chamou de: **“A Traição dos Intelectuais”**.

O importante era iniciar uma rebelião, uma revolução. Drogas, Sexo e Rock'n'roll, movimento Sexpol e a destruição da juventude, através da embriagues das drogas, músicas e da indústria pornográfica. A relativização de tudo na pós-modernidade, com a insistente negação de que não existe uma verdade e uma realidade, sobre o que quer que seja e, com isso, a substituição do juízo de realidade pelo mero juízo de valor. As novas concepções pós-modernas de direitos humanos, alegando e fundamentado, dentre outras causas e bandeiras, que a banalização do crime é um problema meramente socioeconômico e que, o criminoso, é apenas mais vítima de uma sociedade que vive, permanentemente, uma luta de classes. O tráfico de pessoas, terrorismo e os novos tipos de terrorismo. Tudo isso aconteceu por meio de diversas frentes, não necessariamente seguindo etapas bem delineadas e, sempre adaptadas aos contextos de cada tempo e lugar.

No final do século passado, quase que por um encanto, apareceram as ONGs prontas para resolver qualquer problema, ultrapassando fronteiras. Seguindo o ritmo da tal globalização, o dinheiro público e de filantropia privada, passou a ser administrado por estas organizações que só trazem “tudo de bom”. Propõem acabar com a pobreza, dependência química, salvar o urso panda, proteger os discriminados e perseguidos, os povos indígenas, proteger as baleias, salvar a floresta amazônica e as araras-azuis. É nesse sentido, que podemos falar de uma “**indústria da pobreza**”. **Cuidar dos pobres e discriminados dá dinheiro, por isso, mantê-los pobres é negócio**. É esse jogo que está por trás da circulação de tanto dinheiro, que não traz quase que resultado algum.

O sistema ou o estabelecimento é um monstro, sempre se metamorfoseando para existir. De escândalo em escândalo, tudo sobrevive. Os tiroteios no morro e os desvios de recursos públicos, entre outros, fazem parte da mesma engrenagem. Mas,

afinal, tudo isso é apresentado como normal, pois quando é o pobre que rouba, o problema é social. Essa palhaçada de escândalos aliena, mais que esclarece. Transporte, Previdência, Saúde, Educação e Segurança Pública são queijos suíços de concreto.

2. Um breve histórico do problema: a formação e influência do crime organizado

Podemos tomar os anos 60 e 70 do século passado como ponto de partida e delinear o nosso entendimento. Nesse tempo a União Corsa ou Máfia Francesa criou as primeiras rotas que ligavam diretamente a produção de cocaína dos andes para a Europa. Naquele mesmo momento havia ocorrido o aumento da produção de cocaína nos cartéis andinos, que era enviada massivamente para o sudoeste asiático, no qual ocorria a famosa guerra do Vietnã.

No decorrer da intensificação do tráfico dos andes para a Europa, articulado pela máfia francesa, ocorre também o fim da guerra do Vietnã, o que vai levar a uma drástica redução das vendas de cocaína, afetando imensamente os lucros dos cartéis. A solução encontrada foi um acordo entre os cartéis, no sentido de retomar os lucros, ampliando mercados e criando novas rotas para a droga. Nesse momento outras máfias começam a participar do tráfico internacional, principalmente, as máfias italianas.

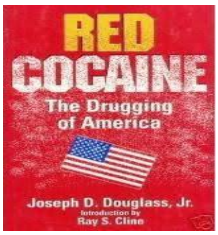
Naquele contexto, o Brasil entra, estrategicamente, como território para as novas rotas por dois motivos. Primeiro foi porque a máfia francesa já havia descoberto que, por aqui, existia uma elite perdulária disposta a consumir e pagar caro pela cocaína. O segundo motivo, foi que o estabelecimento dessas novas rotas implicava na necessidade de espaços territoriais, a partir dos quais, grandes quantidades de drogas poderiam ser distribuídas para o novo mercado consumidor e como plataforma de envio para o exterior.

Foi nesse ambiente que as favelas brasileiras se tornaram locais ideais para tal empreitada, por reunirem características interessantes para o empreendimento. Por se caracterizarem por uma população de baixa-renda, locais de difícil locomoção e acesso e, principalmente, pelo fato de muitas das grandes cidades estarem no litoral.

Assim, as favelas brasileiras, pouco a pouco, passaram a abrigar um comércio cada vez mais intenso de drogas, armas e outra atividades ilícitas. Não tardou muito para que surgissem duas versões sobre o fenômeno em expansão: a de que os presos políticos do período militar tivessem ensinado aos criminosos, técnicas de organização e guerrilha urbana. Essa versão já foi contestada por ex-líderes do Comando Vermelho, dentre outros. A outra versão é de que, o problema da criminalidade, oriunda das

favelas, é um problema social, recentemente complementada pela versão de que os criminosos de baixa-renda são vítimas da sociedade etc.

Que houve instrução para que tal empreendimento lograsse êxito, e que foi aproveitado o ambiente de abandono socioeconômico desses territórios, não restam dúvidas. Mas, será que são explicações suficientes? Veremos então!



No livro Cocaína Vermelha de Josefh D. Douglass, o autor expõe em detalhes como surgiu a ideia do tráfico e consumo de drogas para o Ocidente, tal como conhecemos hoje. Na "Introdução à Segunda Edição" do livro "**Cocaína Vermelha"** o autor, Christopher Story, faz o seguinte questionamento:

> Por que a civilização ocidental foi degradada desde a década de 1960 e quem está por trás desse fenômeno? A resposta, em resumo, é que o ocidente tem sido a vítima desconhecida, durante as últimas décadas, de operações de inteligência estratégica soviético-chinesas de longo prazo usando drogas como meio de obter a desmoralização progressiva da sociedade ocidental e uma degradação concomitante das pessoas – com a juventude como o principal alvo desta ofensiva satânica.
>
> O Comunismo, uma forma de mania coletivista diabólica que, de forma consistente com todas as formas de aberração mental, [...] não pode ter sucesso em seus próprios termos.
>
> A "máfia" existe e opera por licença dos serviços de inteligência, atendendo sua agenda de "criminalismo" [...] as drogas foram empregadas estrategicamente para fins de engenharia social e política.
>
> [...] a inteligência soviética/russa e chinesa são as principais criadoras da ofensiva das drogas, uma vez que a agenda criminalista é a essência da Revolução Mundial em sua atual fase avançada. (1999, p. 10, 11)

Em **"Cocaína Vermelha"** Josefh D. Douglass expõe em detalhes, baseado em documentos de governo e inteligência, como se desenvolveu toda a estratégia da guerra química contra o mundo ocidental, usualmente chamada de tráfico e consumo de drogas. Revela nomes de autoridades, instituições, países etc. Como relata Douglass:

> Em 1928, Mao Tse-Tung, o líder comunista chinês, instruiu um dos seus subordinados confiáveis, Tan Chen-lin, a começar a cultivar o ópio em grande escala. Mao tinha dois objetivos: obter trocas por suprimentos necessários e "drogar a região branca", onde "branco" era um termo ideológico e não racista que Mao costumava se referir a sua oposição não comunista. A estratégia de Mao era simples: usar drogas para suavizar uma área alvo. [...]
>
> Mao começou a usar o ópio como uma arma política contra o seu próprio povo, os chineses, durante sua tentativa de estabelecer o comunismo em toda a China. O uso de ópio expandiu-se simplesmente porque provou ser uma arma muito eficaz. [...]
>
> O potencial de narcóticos foi examinado no contexto da estratégia de longo prazo. Custos e riscos, benefícios e retornos, integração e coordenação com outras operações foram examinadas. Mesmo os efeitos das drogas em várias gerações, foram analisados por cientistas pela Academia Soviética de Ciências. [...]
>
> Esse plano foi formalmente aprovado quando os soviéticos decidiram iniciar o narcotráfico contra a chamada burguesia, especialmente contra os "capitalistas americanos" – o "Inimigo Principal". (1999, p 26, 31, 32)

Temos que ponderar que, não é verdade que o problema com narcóticos nos EUA e Europa tenha sido iniciado com a guerra química promovida pela China e União Soviética, após a Segunda Guerra Mundial. No século XIX as tentativas de contenção ao uso de opiáceos: ópio, morfina e heroína já faziam parte de páginas marcantes da história dos EUA e Europa. A expansão do uso de opiáceos esteve regularmente associada a campanha contra o uso do álcool e ao aparecimento e expansão, do que que passaríamos a chamar de "indústria farmacêutica". Está fartamente documentado que associações de médicos e farmacêuticos, na busca do monopólio de poder, lutavam para restringir o uso de opiáceos que não estivessem subordinados às "prescrições médicas". A maconha, por exemplo, só veio a ser plenamente proibida nos EUA, a partir do final da década de 1930. *Pari passu* é bem verdade que, durante esse tempo, muitas pessoas lucraram com as tragédias do álcool e dos opiáceos que se expandiram pela Europa e EUA.

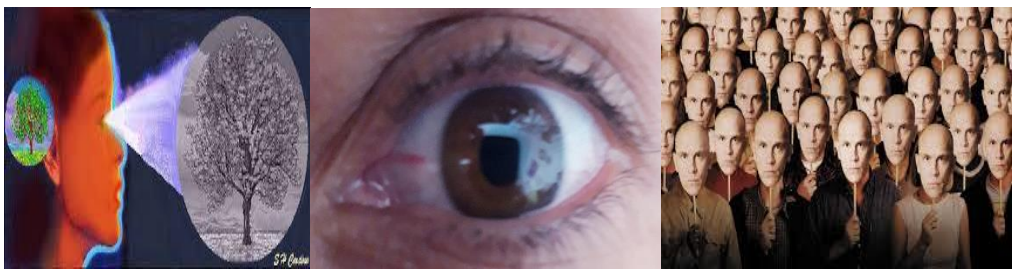
A investida chinesa e soviética a partir do pós-Segunda Guerra Mundial, de atacar os Estados Unidos da América, se consistia em atingir o coração do sistema capitalista ocidental. O plano era muito simples, atacando os EUA seria uma questão de tempo, para que todo o mundo ocidental, estivesse contaminado com os resultados da guerra química das drogas. E foi o que aconteceu.

A Europa não viveu problema tão diferente. O uso de opiáceos era tão difundido no século XIX, quanto temos hoje, o hábito de tomar uma cerveja em casa ou num bar qualquer. A pergunta fundamental é: quando e porque as drogas se

tornaram um problema a partir do século XX? Para responder a esta pergunta, basta entender que, o que foi identificado como "**sociedade de massas**", foi parte de manipulações estratégicas. Com o passar do tempo e, o avanço dos estudos sobre o cérebro e o comportamento humano em geral, foi possível desenvolver o que mais recentemente chamamos de "engenharia social".

É peça fundamental para o surgimento dessa "**sociedade de massas**", a utilização das técnicas da "**engenharia social**", que se consistem em manipular o comportamento das pessoas, no sentido de mantê-las uniformizadas. As pessoas devem pensar, sentir e perceber o mundo de forma padronizada, o mais possível. Admitamos que podem haver divergências, mas dentro de uma mesma **Matrix**.

Nesse sentido, a música, as modas e propagandas e, fundamentalmente sexo e drogas, se tornam meios fundamentais de embriagar as pessoas e fazê-las **perder a possibilidade de percepção da realidade**. Assim, estarão muito mais preocupadas em saciar seus desejos em geral, além de vícios em dopamina e narcóticos, do que entender o que está acontecendo com elas e o mundo a sua volta.



O que aconteceu e, a diferença entre o século XIX e o pós-Segunda Guerra, no século XX, é uma campanha estratégica e sistemática que deu origem a uma guerra química contra as sociedades ocidentais, nunca vista antes. Nesse ambiente, reestruturar o conceito de proletariado, adaptando-o ao novo conceito de "minorias discriminadas" e "reprimidas" é peça chave, **nesse xadrez da engenharia social**.

Em **"O Império Subterrâneo: onde o crime e os governos de encontram"** James Mills, nos traz perguntas inquietantes:

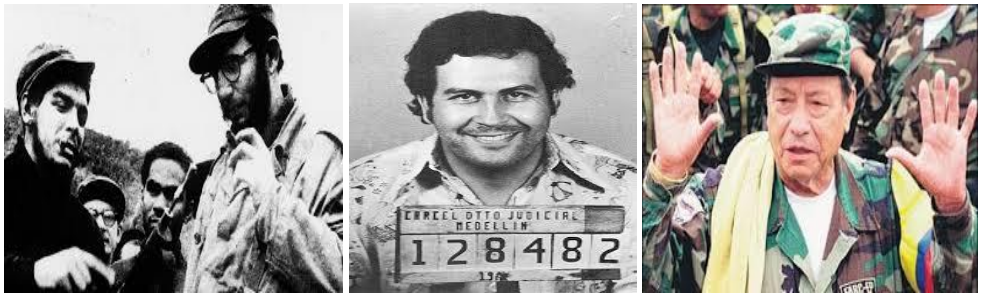
> Os lucros da indústria de entorpecentes, secretamente depositados em países competidores do ramo, rendem juros que excedem os 3 milhões de dólares por hora. Com que finalidade esse dinheiro será posteriormente empregado? Qual seu final?
>
> Embora se saiba que narcóticos são um grande negócio, suas dimensões verdadeiramente atordoantes jamais foram divulgadas por inteiro. [...]
>
> A indústria de narcóticos, na verdade, não é uma indústria, mas um império. Soberano, arrogante e expansionista, esse Império Subterrâneo, embora frequentemente dilacerado em conflitos internos, nunca deixa de apresentar um sólido obstáculo ao mundo livre. [...]
>
> Nações o combatem em suas fronteiras, porém ignoram, efetivamente, seu poderio internacional. O governo dos EUA, enquanto desencadeia "guerras" cosméticas ao crime e às drogas, raramente atacou o Império no Exterior, jamais reduziu substancialmente sua força internacional, e hoje não desafia sua crescente ameaça à estabilidade mundial.
>
> Por que é assim? Não desejarão os governos do mundo eliminar essa fonte crescente de riqueza e poderio criminoso? Será que houve, de fato, alguma tentativa de ataque global, verdadeiramente eficaz, contra ela? Será que nunca existiu – ou existe atualmente – alguma força internacional oculta, não divulgada, lutando contra o Império Subterrâneo? (1986, p. 13, 14)

Será que foi mera coincidência que na década 1980, os Estados Unidos, já eram o maior consumidor dos narcóticos produzidos e traficados pelos países andinos? Na matéria da revista Cadernos do Terceiro Mundo: **"Drogas, o poder paralelo"** do pesquisador boliviano Manuel Gonzalo Chavez Alvarez publicada em 1988, o autor afirma:

> Segundo a Comissão Nacional de Narcóticos (*The National Committe-NNICC*), o mercado Norte-americano absorve anualmente quase totalidade de drogas produzidas na América Latina. Para lá se escoam 33% da heroína, 80% da maconha e a totalidade da cocaína produzidas pela Bolívia, Colômbia, Jamaica, México e Peru. [...]
>
> O mercado do tráfico de drogas nos anos oitenta movimenta aproximadamente 100 bilhões de dólares, nos Estados Unidos, e rende aos países produtores da América Latina mais divisas que a exportação de seus produtos tradicionais. (1988, p. 10)

Observemos que estamos falando da década de 1980. Nesse tempo, a cocaína que aportava no Brasil, ainda era de quantidade muito restrita, voltada para o consumo de uma elite esnobe. Ainda não tinha ocorrido aqui, a popularização do consumo de cocaína, ao qual denominamos de: "**a democracia do pó**".

Para que o projeto denunciado por Josefh D. Douglass e James Mills chegasse a termo, era necessário cumprir algumas etapas, tais como: criar e treinar líderes para o novo movimento revolucionário mundial, **treinar terroristas** para levantar a bandeira de "**lutas pela libertação**", preparando o contexto para a intensificação do tráfico internacional de narcóticos e, utilizar as máfias já existentes, para executar essas operações.



Segundo a matéria de capa da revista Cadernos no Terceiro Mundo **"Aliança entre Policiais e Ladrões"** de 1994:

> Atualmente, os mafiosos já não correspondem à estereotipada imagem de um grupo de pistoleiros com grandes chapéus sobre os rostos cheio de cicatrizes e uma metralhadora Thompson nas mãos, disparando a torto e a direito em uma destilaria clandestina de uísque de Chicago. Hoje se transformaram em uma autêntica corporação industrial, comercial e financeira, que controla uma parte importante dos lucros de mais de 100 bilhões de dólares anuais que produz o crime organizado *made in USA*. [...]
>
> Nem sequer a imprensa escapa aos lucrativos negócios da máfia: em junho do ano passado, a promotoria do distrito de Manhattan descobriu que o Clã Gambino havia mantido nos últimos cinco anos o controle do Sindicato de Vendedores e Distribuidores de Jornais, que distribui, entre outros o New York Times e o New York Post, o jornal mais antigo da cidade. [...]
>
> Segundo Murano, "a divisão entre bons e maus (policiais) é chamada o *Muro Azul*", que para alguns autores é a contrapartida policial da *omertá*, o voto de silêncio e lealdade da Máfia. [...] "Á primeira vista, a tradição do *Muro Azul* apresenta a virtude de incentivar a lealdade e a camaradagem. Isso, de alguma forma, é verdade, mas com o passar dos anos te deixado uma triste marca, ao permitir que floresça a corrupção em quase todos os departamentos de polícia importantes do país." (1994, p. 24, 25)

Também, dando sequência ao tema, na matéria, **"A riqueza vem do pó"**, José Louzeiro relata:

> Até início da década de 70, as autoridades norte-americanas responsáveis pelos serviços de informação concentradas basicamente na CIA e no FBI, viveram momento de relativa tranquilidade, tratando, de modo geral, como inimigos externos: espiões, organizações terroristas e, ocasionalmente mafioso com raízes na velha camorra italiana.
>
> Mas, de 1980 para cá, vem-se registrando tal expansão nos negócios das drogas que os governos de Ronald Reagan e, agora, Georg Bush, têm-se desdobrado no confronto com um novo tipo de guerra: dos traficantes de cocaína. "É um caso de segurança nacional, disse em 18 de setembro último, o secretário de Defesa, Richard Chaney, ao encarregar o Pentágono de elaborar um plano militar de combate às drogas dentro dos Estados Unidos. (1989, p. 10)

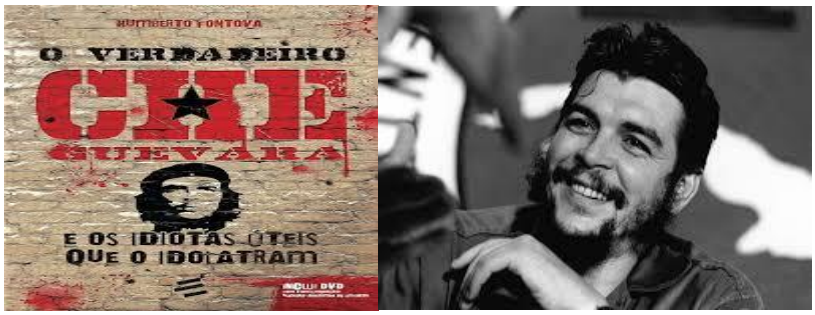
"Coca Coke: produtores, consumidores, traficantes e governantes", Alain Delpirou e Alain Labrousse relatam:

> A impossibilidade para os setores populares, constantemente mergulhados em uma situação de extrema miséria, de fazerem ouvir

> sua voz, explica a existência endêmica de grupos de guerrilha. Iniciam-se nos campos, onde 8 mil famílias de latifúndios monopolizavam 13 milhões de hectares, enquanto 800 mil famílias de pequenos agricultores devem se contentar com 4,5 milhões de hectares. É fundamentalmente nos camponeses pobres que se apoia a mais antiga das organizações de guerrilha: As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), próximas ao Partido Comunista. Resultante de grupos de autodefesa constituídos durante a guerra civil, utiliza ao mesmo tempo colunas de guerrilheiros permanentes e milicias rurais.
>
> Outras organizações têm uma influência mais limitada: o Exército Popular de Libertação (EPL), criado depois do cisma sino-soviético, e o Exército de Libertação Nacional (ELN) de tendência castro-guevarista, que conta em seus quadros com o padre Camilo Torres. [...]
>
> Se for realizada uma revisão dos artigos sobre escândalos ligados às apreensões de cocaína na América Latina desde os anos 70, percebe-se que não envolvem guerrilheiros de extrema-esquerda, mas muito mais militares, policiais, diplomatas e políticos, que pertencem a governos sustentados pelo Estados Unidos. (1986, p. 227, 241)

Os Anos de 1960 e 1970 são fundamentais para o entendimento do problema em questão. Enquanto tudo que foi mostrado anteriormente acontecia, aparecem as FACs, o Exército de Libertação Nacional – ELN, Fidel Castro, Che Guevara e Carlos Marighella, para falar apenas de alguns destaques nesse cenário. Em **"Guerra de Guerrilha: Memórias de um Terrorista"**, Che Guevara ensina:

> O guerrilheiro urbano é um inimigo implacável do governo e infringe dano sistemático às autoridades e aos homens que dominam e exercem o poder. O trabalho principal do guerrilheiro urbano é de distrair, cansar e desmoralizar os militares, [...]. (2003, p. 04)



Carlos Marighella em seu famoso e internacionalmente conhecido **“Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano”** escreve:

> É necessário que todo guerrilheiro urbano tenha em mente que somente poderá sobreviver se está disposto a matar os policiais e todos aqueles dedicados à repressão, e se está verdadeiramente dedicado a expropriar a riqueza dos grandes capitalistas, dos latifundiários, e dos imperialistas. (2003, p. 07)

No Texto acima são poucas as informações citadas, mas será que podemos verificar a relação entre o que está citado e o que acontece hoje, especialmente, no Brasil? Mais uma vez, afirmamos que não é possível negligenciarmos as variáveis socioeconômicas. Outra coisa é buscarmos explicações e entendimentos, apenas nelas.

Reflitamos juntos! O sistema ou ***Establishment*** **no Brasil**, a **nossa Matrix tropical**, que se forma a partir do período Imperial, no século XIX, se reproduz de forma espantosa, até os nossos dias. Esse estabelecimento se formou criando uma elite com horror a pobre. Pouco importa a sua cor da pele. Para essa elite, que se manteve encastelada por toda a República brasileira, desde 1889, o importante é se você faz parte do Clube, do sistema, do *Establishment*. Para esse estabelecimento se renovar e manter-se encastelado **é preciso transparecer uma** “**democracia**”, ou seja, fazer você acreditar, que você realmente faz escolhas. As cartas marcadas, lhes são oferecidas como opção, mas, fazem parte do mesmo cardápio do sistema.

Atualmente, na era da “diversidade”, nada melhor do que diversificar as cartas marcadas dispostas, à sua escolha. Os bobos da corte são muitos, artistas em geral humoristas em particular. Sem falar naqueles que já estão traquejados em propagandear, aquilo que você quer ouvir. São peças chaves no xadrez das democracias subalternas, que fortalecem o discurso usual de que “**a democracia é uma festa**”. Estão disponíveis e dispostos a pagar qualquer preço para entrar no Clube, para receberem os *status* de **representantes das respectivas tribos** das “**minorias oprimidas**”. Nada como fama e dinheiro para quem, desde a origem, era um(a) ilustre desconhecido(a).

Assim, representantes das “minorias oprimidas” são pepitas de ouro encontradas no meio deste **grande lamaçal das massas bestializadas**. Agora, uma vez que você voluntariamente se alocou em uma das tribos urbanas, genericamente chamadas de “movimentos sociais”, você encontrará no cardápio oferecido, um tipo de “prato feito”, sem que você tenha escolhido o restaurante, como “opção” para você “escolher” e votar, degustar **mais uma mentira necessária**. É assim que há dois séculos, o estabelecimento se reproduz e se mantém com todo vigor. A sua tragédia cotidiana, não vai além de um problema inteiramente seu, muitas vezes, exposto, comentado e lamentado hipocritamente, nas redes sociais, pelas **oposições controladas**. É quando você já esqueceu o que é privacidade e intimidade e resolve publicar para o mundo inteiro saber, que você está derrotado. Ou que, o que há de pior em você, lhe convenceram a publicar como o melhor que você tem pra dar.

O que falta para admitirmos a existência de um caos organizado? Em **“Guerra Civil”**, Hans Magnus Enzensberger afirma:

> Há uma correlação não esclarecida entre o ódio ao próximo e o ódio ao desconhecido. O outro desprezado é originalmente o vizinho. Apenas com a formação de coletividades maiores declara-se como inimigo o desconhecido além da fronteira. [...]
>
> Ninguém estava preparado para essa transformação radical. Ninguém sabe o que fazer. É possível que estejamos diante de uma nova faze da política. [...]
>
> Há muito que a guerra civil penetrou nas metrópoles. Suas metástases pertencem ao cotidiano das grandes cidades, não só Lima e Johannesburg, de Bombaim e Rio de Janeiro, mas de Paris a Berlim, Detroit e Birmingham, Milão e Hamburgo. Dela não participam apenas terroristas e agentes secretos, mafiosos e *skinheads*, traficantes de drogas e esquadrões da morte, neonazista e seguranças, mas também cidadãos discretos que à noite se transformam em *hooligans*, incendiários, dementes violentos e *serial killers*. [...]. (2002, p. 10, 11, 15)

Numa perspectiva complementar Alessandro Visacro, no seu livro: **“Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história”**, analisa o conceito de guerra irregular, contextualizando com a realidade atual do Brasil e de outros países. Para o autor:

> O caráter informal, dinâmico, flexível e mutável do combate irregular tem contrariado o cientificismo acadêmico [...] A dificuldade em se redigir conceitos didáticos que se encaixem integralmente em conceitos históricos distintos. [...]
>
> A violência social assegura sua continuidade quando perdura no tempo, tornando-se o principal legado deixado de uma geração para outra, como uma herança cultural institucionalizada – uma espécie de “cultura da violência”. As crianças-soldados da África subsaariana, os jovens das áreas carentes urbanas brasileiras que aspiram ingressar nos grupos armado do tráfico de drogas ou, ainda, as crianças palestinas ornadas de homens-bomba e educadas para se sacrificarem como mártires contribuem sobremaneira para fomentar um ambiente favorável à condição da guerra irregular. (2009, p. 221, 250)

E, ainda argumentando sobre o tema, trazendo para o contexto brasileiro atual, no seu livro, **“Da Guerra à Pacificação: a escolha colombiana”**, Ricardo Vélez Rodrigues argumenta:

> A questão do narcotráfico está entre os aspectos que nos assemelham. A globalização tornou explícita essa realidade. Tardamos, no Brasil, para tomar consciência desse fato. [...]
>
> Três etapas percorreram os colombianos nessa saga de violência e morte: 1) a difusão da corrupção na política e na administração pública; 2) a organização de máfias na cúpula do poder, em nível regional; 3) a guerra civil, em que a quebra de valores ensejada pelo predomínio do dinheiro do narcotráfico na cúpula do poder espraia-se por todo o organismo social. [...]
>
> O mais preocupante é que começam a aparecer sintomas da degradação social típica da terceira etapa atrás apontada. Quais são esses sintomas? Destaquemos os mais importantes: 1) grupos de ativistas, em nome da justiça social, desconhecem sumariamente as instituições, colocando-se acima da lei. [...] As autoridades parecem claudicar diante da marginalidade; como se o exercício das funções de governo fosse tarefa independente da lei. [...] 3) Vive-se, nas grandes cidades, especialmente no Rio e em São Paulo, um autêntico clima de guerra civil, com cenas de bandidos muito bem armados circulando livremente em bondes do mal; [...].
>
> Os passos que restam para a completa instauração do estado de guerra civil no Brasil são basicamente três: em primeiro lugar, a completa constituição de exércitos guerrilheiros ou paramilitares a

> serviço dos interesses do narcotráfico. Em segundo lugar, a neutralização das autoridades, mediante o suborno, os atentados terroristas e a intimidação. Em terceiro lugar, a conquista de grandes áreas liberadas pelas organizações criminosas, seja mediante a ocupação pura e simples, [...], seja mediante processos de pseudo-negociação em que governos de tipo populista cedem facilmente às exigências dos criminosos [...]. (2010, p. 48, 49, 50)

Além de admitirmos a possibilidade de um "**caos organizado**", em que medida as políticas de Segurança Pública caminham de acordo com a realidade factual? Em que medida a burocracia estatal patrimonialista, as interferências político-partidárias nas polícias, retardam as inovações necessárias, como respostas ao que está evidente? O fato de os **soldados do tráfico**, pertencerem a um grupo de criminosos insurgentes, que não são identificados e classificados como guerrilheiros urbanos, **não quer dizer que, não atuem como tal**.

Há muito tempo, os vínculos entre o narcotráfico e terrorismo, são muito estreitos. Daí, porque é mais adequado falarmos em **narcoterrorismo**. É muito pontual a ideia de que o narcotráfico financia apenas campanhas políticas e outras funções na administração pública. No avançar da sua expansão e enriquecimento, **o narcotráfico passou a financiar muitos outros tipos de crimes**. As organizações terroristas, sempre organizadas por agências de inteligências, e que, travam assim, uma guerra surda entre Estados e governos, esses grupos, são em muito, financiados pelo narcotráfico. Além disso, todos os grupos de guerrilhas, ao menos, a partir dos anos de 1980 são financiados pelo narcotráfico.

Mas para que o narcotráfico varejista, esse que as **Polícias Militares brasileiras** entram em permanentes confrontos nas favelas, possa atuar com desenvoltura, é preciso a adoção de **táticas de guerrilha urbana**. Assim, podemos falar também de **narcoguerrilha**.

A partir do que já foi exposto podemos ter a certeza de que estamos muito mais próximos dos objetivos finais, para a instauração de uma **guerra civil no Brasil**. O leitor

poderá observar, as várias semelhanças entre o que está escrito neste ensaio e as realidades institucionais e do mundo da rua.

Daí porque temos que falar de uma **Nova Segurança Pública**. É fato que, a única barreira para que este projeto de uma **guerra civil generalizada**, chegue a termo ou seja retardado, no Brasil, é a existência e ações das Polícias Militares estaduais. Assim, fica mais fácil entender, porque há **um jogo de discursos orquestrados**, que vão desde acusações de racismos e genocídios contra as PMs, até propostas de desarmamento das Polícias Militares, a desmilitarização ou mesmo, a sua extinção.

Não há que se entranhar que, se daqui a pouco tempo, autoridades e "especialistas" surgirem divulgando a ideia de que não há mais o que fazer, "tentamos de tudo". "Precisamos sentar para negociar com esses grupos". Se observarmos atentamente, percebemos que já estamos neste caminho. Basta ver quando policiais um tanto desmotivados e que não entenderam a dimensão do fenômeno em que atuam, passam a defender a descriminalização das drogas. Ao mesmo tempo, assistimos, muitas vezes perplexos, um conjunto de políticas de desencarceramento que só beneficiam toda a rede de crimes que, neste ensaio, está sendo sumariamente descrito e analisado.

Pelo visto, é um grosseiro engano pensar que "liberar" o consumo e venda de narcóticos, se reduz a livrar dependentes químicos de punições judiciais. Não há como tomar exceções como regra. Mesmo que apoiemos a diferença de tratamento legal e jurídica entre dependentes e traficantes, **o consumidor de narcótico é o primeiro financiador de tudo que está aí**. Sabemos que nenhuma empresa pode permanecer no mercado sem que seus produtos e serviços sejam consumidos. Assim é também com o tráfico de drogas e outros crimes tais como, tráfico de pessoas e contrabandos de mercadorias, por exemplo. Não existiria contrabando de nenhuma espécie ou tráfico de drogas e de pessoas, se não tivéssemos pessoas, conscientemente, consumidoras de produtos de origem criminosa.

Quanto mais apologias às drogas dos tipos: "**marcha da maconha**", "**consumo de quantidade segura**", "**uso recreativo**", "**expansão da consciência**", ou que, "**cada um faz o que quer da sua vida**", mais propagandas gratuitas são feitas para manter e ampliar a venda dos narcóticos. Esses discursos político-populistas, continuam enriquecendo máfias, que envolvem empresários, sistema financeiro, políticos e outras autoridades, além de **grupos terroristas** e de **guerrilhas**, que se espalham por todo o mundo.

Precisamos reconhecer que, de fato, diante de tudo que já foi exposto e, muito mais, **a Segurança Nacional ficou ao encargo das Polícias Militares**. Por isso, é possível afirmar que, **as Polícias Militares, são a última fronteira para o caos**.

Aquela **antiga noção de segurança pública preventiva**, **polícia comunitária**, **polícia de aproximação** etc., ficou no passado, logo ali. Já faz algum tempo, que estamos lidando com insurreições lideradas e orientadas por profissionais, que não são as pessoas que estão nas favelas. Essas lideranças e instrutores fazem parte de uma rede internacional de rebelião, contra tudo que existe. Desses grupos fazem parte: professores universitários, políticos, ex-guerrilheiros e guerrilheiros em atividade, líderes e instrutores de grupos terroristas, ex-membros de forças especializadas, que debandaram para os esgotos do crime.

Como já foi dito, o ambiente de pobreza e abandono favorecem o alistamento de "soldados do tráfico". Esses vão executar as instruções, que aqueles lhes ensinam. Em um ambiente vazio de esperanças, os prepostos das favelas, podem degolar um pescoço e esquartejar um corpo de forma tão fácil e divertida, quanto é para uma criança saborear um delicioso sorvete da sua preferência. É nesse ambiente, que as fronteiras do ordenamento jurídico detêm as ações dos policiais, promotores e juízes, mas, nunca, as ações dos criminosos.

Talvez fique mais fácil, através deste modesto ensaio, a identificação de contextos muito semelhantes em diversos países. As semelhanças de ações, ideologias e propósitos, além de contextos socioeconômicos e político-governamentais, ajudam a identificar as muitas semelhanças entre os jovens e **crianças soldados da África**, dos **soldados do tráfico brasileiro** e dos **jovens e crianças-bombas do Hamas e Hezbollah**. Não podemos entender a expansão do crime organizado, terrorismo, entre outros, sem entendermos a influência do poder político em cada contexto. Devemos buscar compreender as relações de poder dentro do ***Establishment*** e, entre o estabelecimento e a sociedade. Essa perspectiva é pedra angular, para o entendimento dos fenômenos em questão e das suas consequências.

Além das organizações narcoterroristas que atuam em diversos países, existe atualmente, pelo menos uma dezena de países que financiam estes tipos de rebelião criminosa. No conjunto, entre países atuantes e tantos outros, suspeitamente omissos, o que resta, é uma **pandemia de organizações criminosas de todos tipos**.

As relações entre grupos criminosos brasileiros com grupos guerrilheiros de outros países passam por aqueles que atuam nos países andinos, chegando a grupos atuantes em países da América Central, alcançando outros grupos do Oriente Médio. São relações muito fortes e consolidadas, há muito tempo. Formam redes complexas de colaboração de todo tipo, que vão desde a produção e comercialização de drogas, armas, financiamento e lavagem de dinheiro, até instruções das mais diversas, buscando causar terror, domínio territorial e populacional. Além de técnicas e táticas de enfrentamentos contra as Polícias Militares, aqui no Brasil.

Desde **incêndios estratégicos de ônibus** em importantes vias públicas, até **assaltos a bancos com requintes cinematográficos**, observemos que esse contexto é mantido, sistematicamente, tanto por governos, quanto por lideranças interessadas nestes teatros de operações criminosas e clandestinas. No Brasil, em particular, apesar dos crimes do tráfico e outros delitos conexos não se caracterizarem, nem se apresentarem como mais um movimento social, esses tipos de crimes foram capturados de forma estratégica pelos movimentos sociais, já existentes. Não por acaso, o criminoso do tráfico foi enquadrado nos parâmetros e discursos das "**vítimas da sociedade**". Uma das características mais marcantes no discurso desse tipo de

criminalidade espalhada pelo mundo é o de "**justiça social**", que ao mesmo tempo, lhes servem para justificar as condutas praticadas com esmero.

É comum que muitos falem em falência do Estado. Porém esses "especialistas" se recusam a enxergar, que tudo foi feito para ser como está. Muitos desses mesmos "especialistas" são os mesmos que batiam palmas para uma, cada vez maior, laicização e humanização da sociedade, enaltecendo o homem racional. Muitas vezes também, enalteceram a destruição das culturas e tradições locais, das configurações das famílias tradicionais locais, o ataque às religiões, particularmente o cristianismo, acreditando que, uma sociedade planejada e tecnologizada, seria a solução para todos os problemas da humanidade. Aplaudiram o surgimento de uma tal "**aldeia global**". Agora, colhemos os resultados desse plantio. Temos uma "aldeia global", mas que pulverizou e espalhou pelos ares e territórios, todos os seus malefícios.

Os territórios e áreas conflagradas se espalharam, há muito tempo, pelo mundo, deixando de lado qualquer variável de raça, religião, escolaridade ou renda. No avanço do poder do Estado contemporâneo permaneceu a ideia de que, os descontentes, seriam sempre pacíficos e passíveis de controle. Sem ter mais para onde ir, desiludidos e sem esperança, assistindo suas tradições locais, sendo derretidas, pouco a pouco, como uma barra de gelo na areia do deserto, só restou agarrarem-se a qualquer ideologia ou religião, que lhes justificassem a explosão de todo o ressentimento acumulado em muitas gerações.

Tudo indica que estamos na era em que, nada está tão ruim, que não possa piorar. É sobre esse fenômeno global da bestialização humana que, Theodore Dalrymple, se refere no seu livro, **"Qualquer Coisa Serve"**. Assim ele escreve:

> O fato de as pessoas estarem preparadas para explodir a si mesmas no intuito de matar o maior número de estranhos possível é tomado como prova da força de seus sentimentos humanitários e da indignação que nutrem contra determinada situação de injustiça.
>
> A grandeza de um crime, portanto, é garantia da grandeza de sua motivação. Afinal, quem ordenaria a deportação de nações inteiras, quem causaria fome, quem faria milhões trabalharem até morrer, quem atiraria numa quantidade indizível de pessoas, se não estivesse munido de um propósito valoroso e superior? Além disso, quanto maior é a crueldade com que são praticadas todas essas coisas, maior deve ser o propósito que as justifica. Tomar parte no maior dos crimes, portanto, é ser o melhor dos homens. (2016, p. 75)

Porém, os exemplos dos descuidos planejados, por parte de governos e partidos durante décadas continuam até os dias atuais. Outra vez, em: **"Coca Coke: produtores, consumidores, traficantes e governantes"**, Alain Delpirou e Alain Labrousse relatam:

> Foi em 1975, quando o general Banzer se preparou para lançar seu plano quinquenal, de modo a fazer face à crise que ameaçava a economia boliviana, que tomou conhecimento das perspectivas oferecidas por aquela última produção (a da coca).
>
> Descobriu então que o Exército já tinha viabilizado seu próprio projeto: no departamento amazônico de Beni, na Fazenda Paraparau (50 mil hectares, 10 pistas de aterrissagem), administrada pela Corporação das Forças Armadas para o Desenvolvimento Nacional (COFADENA), encontrava-se um dos maiores centros de fabricação da pasta base. Por outro lado, a maior parte da produção da fábrica nacional de ácido sulfúrico, também dirigida pelos militares, era destinada à elaboração da droga. [...]
>
> Nessa situação, a cultura da coca, bem como importação e a exportação de droga, constituem ao mesmo tempo uma fonte alternativa de emprego e um balão de oxigênio para a economia. [...]
>
> A Colômbia, depois de ter sido a principal fornecedora de maconha do mercado americano, se tornou, um gigantesco laboratório de transformação da pasta base. [...]
>
> Na época de Kennedy inúmeros jovens americanos, preferindo cooperar com o Terceiro Mundo em lugar de ir combater no Vietnã, chegaram à Colômbia no quadro dos Corpos da Paz. Foram eles que encorajaram as culturas de maconha e ensinaram os indígenas a transformarem a folha da coca em pasta base. De volta aos Estados Unidos, intencionalmente ou não, serviram de ligação entre os produtores colombianos e a máfia da Flórida. (1986, p. 150, 183, 223, 225)

Atualizando um pouco mais o assunto, chegando mais próximo do nosso tempo, Jean Ziegler em: **“Senhores do Crime: as novas máfias contra a democracia**”, escreve que:

> Durante toda a guerra do Afeganistão, mas sobretudo na sua fase final, muitos oficiais soviéticos graduados organizaram, sobre o olhar complacente de seus superiores, um tráfico extremamente lucrativo de morfina, heroína e derivados; estimularam a plantação de papoulas e protegeram seus laboratórios. Esses militares reformados continuam atualmente a dominar amplas redes e abastecem o mercado de drogas da Europa e da América do Norte. (2003, p. 186)

No Brasil ou para o Brasil foram feitos vários alertas a respeito do crescente e importante papel do país, quanto a penetração de máfias estrangeiras e seu papel, cada vez mais central, no tráfico internacional de narcóticos, principalmente, maconha e cocaína.

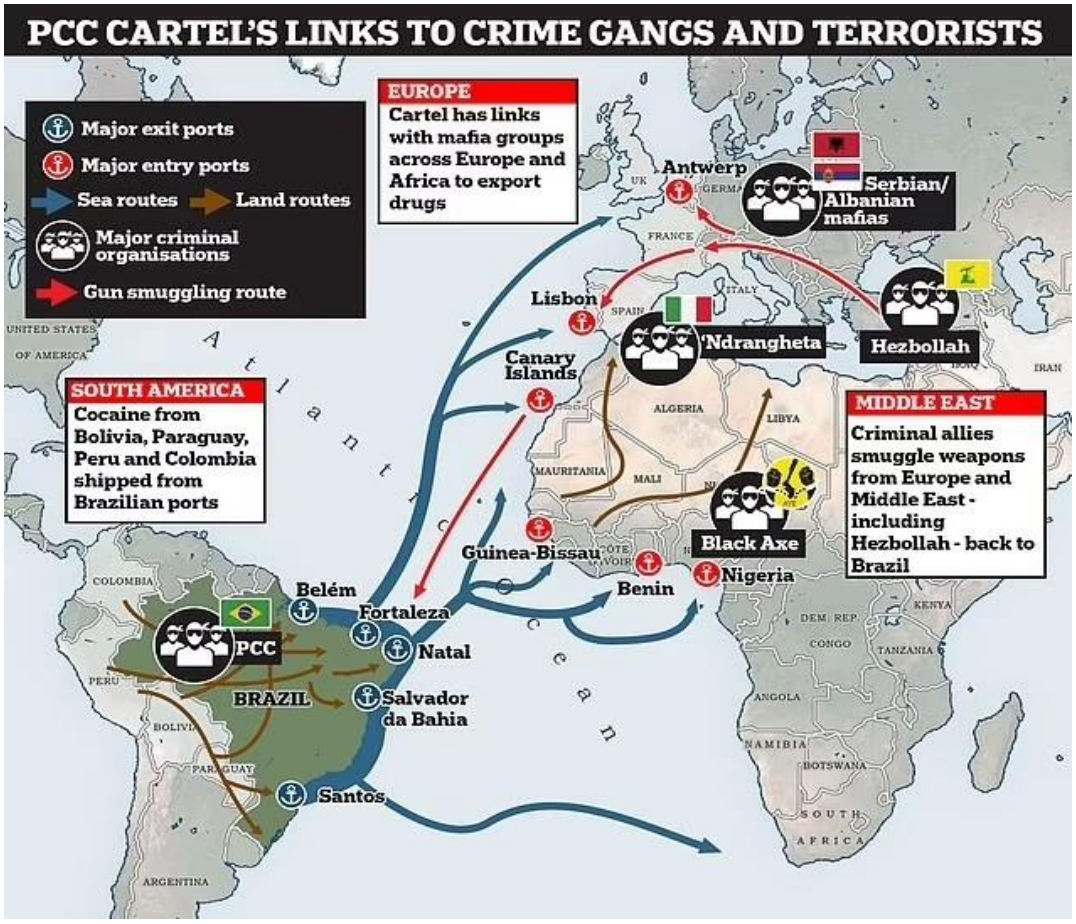
Segundo José Arbex Jr e Claudio Tognolli em **“O Século do Crime”**:

> Mas, lentamente, o movimento expansionista de Cali e Medellín vai reconduzindo o Brasil ao foco das investigações internacionais. A Polícia Federal abria os olhos para mais e mais de procurados na Itália, Japão, EUA e Nigéria, segundo a Interpol, estavam se mudando para o Brasil para manter bases de tráfico e lavagem de dinheiro. O movimento veio crescendo: em 1988 a maior apreensão de cocaína feita no país era de 150 quilos, de uma só vez. Em 1995 a maior apreensão pesava 7,5 toneladas. [...]
>
> O Brasil começa a frequentar oficialmente o clube dos países vitimados por redes reforçadas do crime internacional no dia primeiro de abril de 1993, quando o presidente americano Bill Clinton vai ao Congresso divulgar o Relatório Anual sobre Controle Internacional de Narcóticos. No documento, o Brasil aparece, pela primeira vez como o maior canal mundial de distribuição da cocaína produzida pelos cartéis de Cali e Medellin, Colômbia. Também aparece em segundo lugar na lista dos países possuidores de dinheiro gerado pelo narcotráfico. [...]
>
> Segundo o Departamento de Estado americano, a instabilidade causada por lutas pelo poder em cargos executivos, como o Ministério da Justiça impediram a realizações de operações antitráfico nas fronteiras brasileiras. O resultado seria assustador, revela o documento: o Brasil começava a lavar dinheiro para as máfias italianas e se instalava entre os maiores entrepostos mundiais do narcotráfico. Estava também entre os seis maiores fornecedores mundiais de éter e acetona para o refino e industrialização da cocaína. [...]
>
> Também o governo brasileiro não teria o “mínimo controle” sobre o crescimento das plantações de folha de coca em território nacional. (1996, p. 63, 64, 65)

Um dos trágicos resultados desta tragédia anunciada é o que revela a matéria: **“Brasil tem 72 facções ligadas ao tráfico de drogas, diz pesquisa”**. A matéria de Giuliana Saringer, publicada em 08/06/2024, informa o seguinte:

> O Brasil tem 72 facções ligadas ao tráfico de drogas e duas delas são consideradas "holdings do crime", com atuação transnacional. É o que diz uma pesquisa lançada neste sábado (8) pela Esfera Brasil, em evento realizado no Guarujá (SP).
>
> A pesquisa foi realizada pela Esfera Brasil e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Os dados apontam que o tráfico de drogas corresponde a 4% do PIB brasileiro de 2021 - o cálculo considera o valor que seria arrecadado se toda a cocaína que passa pelo Brasil fosse exportada para a Europa. A pesquisa diz que o faturamento das organizações criminosas seria da ordem de US$ 65,7 bilhões, o equivalente a 4% do PIB brasileiro de 2021.

TRÁFICO DE
MACONHA


PCC CARTEL'S LINKS TO CRIME GANGS AND TERRORISTS
Major exit ports
Major entry ports
Sea routes
Land routes
Major criminal organisations
Gun smuggling route
EUROPE
Cartel has links with mafia groups across Europe and Africa to export drugs
SOUTH AMERICA
Cocaine from Bolivia, Paraguay, Peru and Colombia shipped from Brazilian ports
MIDDLE EAST
Criminal allies smuggle weapons from Europe and Middle East - including Hezbollah - back to Brazil
Antwerp
Serbian/ Albanian mafias
Lisbon
'Ndrangheta
Hezbollah
Canary Islands
Black Axe
Nigeria
Guinea-Bissau
Benin
Belém
Fortaleza
Natal
PCC
BRAZIL
Salvador da Bahia
Santos
Atlantic Ocean
UNITED STATES OF AMERICA
COLOMBIA
PERU
BOLIVIA
PARAGUAY
ARGENTINA
FRANCE
SPAIN
ITALY
ALGERIA
LIBYA
MAURITANIA
MALI
IRAN
KENYA
DEM. REP. CONGO
TANZANIA
ANGOLA
NAMIBIA
BOTSWANA
SOUTH AFRICA

Na atualidade, é possível perceber como os “especialistas”, defensores da “aldeia global e da “justiça social”, agora alardeiam as consequências com uma **surpresa hipócrita**, própria daqueles que estão sempre dispostos a degustar os restos, que caem da mesa, na qual as elites realizam seus banquetes.

3. Da Rebelião à Revolução

A rebelião começa quando a Serpente fez aquelas falsas promessas, que seduzem as pessoas, até hoje: **saberás sobre o bem e o mal**; **seus olhos se abrirão**; **não morrerás**; **serão como deuses**. A partir de então, foi uma questão de tempo, para que a **gnose** fosse entendida como heresia, em seguida, **filosofia moderna** e, atualmente, **as ideologias**. Foi seguindo estas etapas que a **rebelião** foi se transformando em **revolução**.

A mais notória proposta de revolução é aquela que ficou, entre outras, conhecida como **marxismo ou comunismo**. Como toda proposta revolucionária o objetivo inicial é destruir tudo que existe, baseada na utopia do futuro aparecimento de um mundo melhor, **um novo mundo**. Para isso é necessário a efetivação e formulação de um “**novo homem**”.

Sendo assim, não basta apenas destruir a sociedade existente, com suas instituições, valores, tradições etc. É preciso também **perverter o ser humano integralmente**, para que toda sua estrutura psíquica e espiritual, seja adaptada aos novos parâmetros de uma sociedade revolucionada. Para isso é preciso **que toda revolução faça o ser humano retroceder ao seu nível instintivo**. Não por acaso, toda revolução passa pela **rebelião teológica** e pela **revolução sexual**, antes e, como meio para a **revolução política**.

Antes de tudo, toda revolução tem que estar lastreada em algumas orientações básicas, porém importantes para o conjunto dos movimentos revolucionários.

Primeiro, a negação de Deus e de toda e qualquer crença religiosa. **Segundo** a negação da família e de todas as tradições de um povo e sua cultura. Em **terceiro**, o domínio da educação e ensino, para que assim, ocorra o completo controle da formação das novas gerações. Quais são as orientações mais fundamentais das ideias revolucionárias?

Em "**Deus e o Estado"**, Bakunin afirma:

> Mas eis que chega Satã, o eterno revoltado, o primeiro livre-pensador e o emancipador dos mundos! Ele faz o homem se envergonhar de sua ignorância e de sua obediência bestiais; ele o emancipa, imprime em sua fronte a marca da liberdade e da humanidade, levando-o a desobedecer e a provar do fruto da ciência. (2001, p. 07)

Ao mesmo tempo, Marx tem uma perspectiva semelhante descrita no seu poema **"Oulanem"**, no qual este personagem é o próprio Karl Marx. Assim diz Oulanem:

> Tudo decai! Chegou o momento. As horas se detêm, este universo anão colapsa! Em breve, esmagando a eternidade de encontro ao peito. Gritei nos ouvidos da humanidade minha maldição! A eternidade, ora! Ela é apenas uma dor sem fim. Uma morte inefável e desmedida! Uma obra de arte vil, inventada para nosso escárnio. [...] Faltava algo ainda a todos estes mundos. [...] Eu nele pularia mesmo que tivesse de destruir um mundo, [...] E então mergulhar no nada abaixo. Perecer de todo, não ser, isso seria uma forma de vida. (2018, p. 80, 81, 82)

Já no **"Manifesto do Partido Comunista"** Marx e Engels afirmam:

> Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo. [...], os comunistas podem resumir sua teoria nessa única expressão: a abolição da propriedade privada. [...] A abolição da família! Até os mais radicais ficam indignados com essa infame intenção dos comunistas. [...] Os comunistas não inventaram a influência da sociedade sobre a educação; procuram apenas transformar o seu caráter, arrancando a educação da classe dominante. [...] O comunismo, porém, acaba com as verdades eternas, acaba com a religião e a moral, ao invés de lhes dar uma nova forma, e isso contradiz todos os desenvolvimentos históricos anteriores. [...] Os comunistas recusam-se a ocultar suas opiniões e suas intenções. Declaram abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados com a derrubada violenta de toda ordem social até aqui existente. (2000, p, 43, 60, 63, 65, 82)

Podemos então, a partir de breves citações, perceber **o quanto ocultismo e revolução estão relacionados**. Com a proposta de abolição do culto a Deus, ocorre a substituição pelo culto a Satã e ao Estado. **Resta apenas as aplicações destes ocultismos nas formas de ideologias e "direitos"**. **Revolução é a rebelião sistematizada, doutrinada e conduzida a termo**.

Para que tudo isso se realizasse foi necessário a **implantação da dialética, no sentido revolucionário**. A composição tradicional da dialética consiste em: tese, antítese e síntese. Em rápida observação, tese é o que há, o que existe; a antítese é algo que aparece se opondo à tese, ao que existe. Por sua vez, a síntese é o resultado deste conflito. O resultado do conflito entre tese e antítese vai resultar e, se caracterizar, por algo novo, que possui algumas características da tese, mas que foi completamente alterado pela antítese. Algo novo, nesse sentido.

A adaptação da dialética à revolução, a partir de Hegel, consiste em aplicar essa dinâmica para provocar conflitos e mudanças em todas as dimensões da realidade. Nesse sentido, ela serve também de instrumento para criar condições, para que a revolução aconteça. Foi o que Marx e Engels chamaram de, **criar as condições objetivas para a revolução**.

Cabe agora, uma breve exposição epistemológica, entre ideologia *versus* ciência. A **ciência** sempre **caminha em busca da verdade**, mesmo que preservando alguns paradigmas e alterando outros, de acordo com a evolução das verdadeiras pesquisas e novas descobertas. Nesse sentido, podemos afirmar que, *mutatis mutandis*, a ciência tem um compromisso permanente com a verdade, a realidade. Já a **ideologia**, qualquer que seja, não tem compromisso algum com a verdade e realidade, e sim, com a **bandeira ideológica do movimento revolucionário**. Assim, o discurso ideológico se torna uma mera bricolagem conveniente, que possa justificar a proposta da bandeira revolucionária.

De um modo geral, os supostos especialistas em marxismo costumam negligenciar, por ignorância e descuido, o aspecto teológico da proposta socialista-comunista. Partindo desta perspectiva é fácil identificar que o primeiro alvo do ataque marxista-comunista é negar Deus. Não se trata de qualquer religião. Há um alvo definido: o Cristianismo.

Se a proposta revolucionária, prioritariamente, é substituir Deus, pelo Estado, o paraíso perdido, resultado do pecado original, é substituído por promessas de um paraíso aqui na terra, uma **Nova Era**. Segundo o Conselho Pontifício para a Cultura: no livro **"Cristianismo e a Nova Era: Jesus Cristo, portador da Água viva"** explica algo fundamental:

> "Os Movimentos da New Age, como um grande rio fluente, com múltiplos afluentes, representam uma forma típica de sensibilidade religiosa contemporânea, como uma nova religiosidade que reveste muitos aspectos da Gnose eterna. [...]

> As experiências negativas que investiram o mundo inteiro, fizeram com que algumas pessoas se tornassem muito cínicas do que diz respeito à religião: [...]
>
> Quer se queira, quer não, verifica-se uma luta para conquistar as mentes e os corações das pessoas na relação entre o Cristianismo, as antigas religiões pré-cristãs e as suas "primas" de desenvolvimento recente. [...]
>
> O espírito desta nova religião universal é explicado mais claramente, de maneira muito popular, no "musical" *Hair* quando o público do mundo inteiro, proclamou-se que "esta é a aurora da Era de Aquário", uma Era fundamentada sobre a harmonia, a compreensão e o amor. [...]
>
> Há também uma busca de instituições alternativas, na esperança que estas possam responder às necessidades mais profundas. [...]
>
> Com este culto à humanidade, a religião se interioriza, de modo que vai se preparando o terreno para uma celebração da sacralidade de si próprio. (2013, p. 07, 08, 10, 11, 18, 19)

Tudo isso, tem um tempo certo para se apresentar como forma de rebelião e revolução, na forma que conhecemos hoje. Esse tempo chamamos, usualmente, de período moderno. Em: **"Modernos e Degenerados: a modernidade enquanto racionalização da perversão"**, E. Michael Jones, esclarece:

> [...] o modernismo foi a racionalização da impudência sexual. Todas as descobertas culturais ou intelectuais da modernidade estavam de algum modo ligadas aos desejos sexuais que seus progenitores sabiam ser ilícitos, mas que não deixaram de praticar. Suas teorias eram em última instância racionalizações das escolhas que sabiam ser erradas. As vidas dos modernistas são, portanto, uma prova incrível do poder e do alcance da lei moral. "Todos que vos abandonam", disse Santo Agostinho em suas *Confissões*, "e se erguem contra vós, somente vos copiam de forma perversa". Santo Agostinho fala de Deus e daqueles que rejeitam em seu tempo; contudo, suas palavras se aplicam perfeitamente à lei moral e àqueles que a rejeitam em nosso tempo. [...]
>
> A despeito de toda "teoria crítica", não existe uma era pós-moderna, somente pensadores que se enfiam nos sulcos cada vez mais estreitos da libertação sexual de formas cada vez mais compulsivas e mais autodestrutivas. Caso deva existir uma era pós-moderna, ela surgirá da negação do modernismo, e não de teorias cada vez mais estioladas ou formas cada vez mais violentas de autodestruição. (2021, p. 18, 19)

No decorrer do período moderno até os nossos dias, muitos pervertidos, curiosamente, se tornaram referências em assuntos acadêmicos, supostamente científicos. As insistentes fraudes intelectuais, trabalhos científicos pagos para que se encontrassem determinados resultados e conclusões, não pararam de acontecer. O século XX é um banho de perversões e pervertidos de destaque tomados como expoentes de conhecimentos, que na verdade, são resultados, de mentes doentes que buscavam outros interesses, muito além de um possível "puritanismo" acadêmico.

A revolução é um projeto que busca transformar a exceção como regra. Na dinâmica da dialética revolucionária a exceção vai exercer a função de antítese, ou seja, vai atuar para combater e destruir a tese, o que existe. Para que isso ocorra é necessário que, de tempos em tempos, sejam desenvolvidas novas sínteses e revisionismos, buscando readaptar todas as ideologias e experiências revolucionárias, a um novo contexto. Entretanto, não é possível falar em revolução sem admitir que sua verdadeira origem está no ocultismo. Na verdade, é quando o esoterismo se torna exoterismo, que os ideais revolucionários, tomam forma e atingem o nível da *práxis* revolucionária. Essa *práxis* revolucionária-ocultista está mais evidente no campo da política, quando assistimos de camarote, a falsa dicotomia entre direita *versus* esquerda.

Todas as ideias e ideologias revolucionárias possuem raízes em doutrinas gnósticas-ocultistas. Por esta forte influência, a revolução busca sempre atacar alvos fundamentais tais como: o **cristianismo**, a **família** e a **educação**. Para tanto, mirou sua artilharia para a Igreja Católica, uma vez que, esta instituição foi responsável pela difusão do cristianismo no mundo todo, além de influenciar sobremaneira a organização das instituições familiar e educacionais, no mundo ocidental.

Das seitas ocultistas, que passaram por uma importante etapa revisionista, no século XIX, à elaboração da Teosofia, da russa, de Helena Blavatsky, chegamos aos séculos XX e XXI, com o surgimento e expansão do poder das Fundações, Institutos e ONGs. A título de exemplo, em "**Do Partido das Sombras ao Governo Clandestino**" esclarece David Horowitz:

> Em 1993, Soros estabeleceu o carro-chefe de sua rede de fundações – o *Open Society Institute* (OIS), com sede em Nova York –

> o qual apoiaria uma série de grupos americanos e bandeiras extremista na década seguinte, [...]
>
> Ao longo de um período de dez anos, o *Open Society* despejou US$ 45 milhões para O Projeto Morte na América. [...] O rolo compressor que ele ajudou a formar concederia grandes concessões a meios de comunicação como o *National Public Radio* para dar publicidade [positiva] à causa, e a instituições como o *Brennan Center* da Universidade de Nova York para fazer pesquisa jurídica, por mais inverídica que ela tenha se provado mais tarde, que tentaria justificar a regulamentação do discurso político. [...]
>
> O *Partido das Sombras* tomou sua forma. Sua infraestrutura era composta por sete organizações sem fins lucrativos. (2018, p. 43, 48, 50, 51, 63)

O famoso George Soros, não é o único, é apenas o mais notório dos exemplares. São dinastias que se reproduzem, deste o tempo que foram chamados de: a “Sinagoga de Satanás”. Ao analisar a vida desses ilustres, percebe-se quem eles(as) eram, doentes travestidos de salvadores, sabe lá do que. Na verdade, **usaram do prestígio acadêmico e outros meios para implantar suas perversões, como direitos e políticas públicas**.

A maré revisionista trouxe algo importante. Se Marx chegou a rejeitar a versão de Hegel sobre a aplicação da dialética como instrumento revolucionário, logo os neomarxistas e revisionistas vão retomar a versão hegeliana para gerar a “guerra cultural”, recentemente, apelidada de **marxismo cultural**. Marx dividiu a sociedade em superestrutura e infraestrutura, tomando a infraestrutura como o universo das relações de produção. A superestrutura como o nível da ideologia. O mesmo enfatizou que, a revolução nasceria da infraestrutura, uma vez que, é nessa dimensão, que se estabelece a **luta de classes**. Porém os revisionistas se converteram a uma outra perspectiva. Voltaram-se para enfatizar a dimensão da superestrutura ideológica ou do pensamento. Voltaram suas atenções, para o idealismo hegeliano.

Sobre as origens teóricas da “guerra cultural”, Stephen R. C. Hicks no seu livro **“Guerra Cultural: como a pós-modernidade criou uma narrativa de desconstrução do ocidente”**, explica:

> Michel Foucault identificou seus principais alvos: Todas as minhas análises são contrárias à ideia de necessidades universais da existência humana”. Essas necessidades devem ser descartadas como fardos do passado: “Não faz sentido falar em nome da Razão, da Verdade ou do Conhecimento – ou contra eles”.
>
> Tendo destruído a razão a verdade e a ideia de correspondência entre pensamento e realidade, e então deixando-as de lado – Foucault escreve: “A razão é a derradeira linguagem da loucura” - não há nada que guie ou restrinja nossos pensamento e sentimentos. Logo, podemos fazer ou dizer o que sentimos. (2021, p. 07, 08)

Numa perspectiva semelhante, Mark R. Levin no seu livro, **“Marxismo Americano”** explica:

> [...] o objetivo é destruir e dividir a nação por mil razões de dez mil maneiras, assim desanimando e desmoralizando o povo; minando a confiança do cidadão nas instituições, tradições e costumes da nação; criando uma calamidade atrás da outra; enfraquecendo a nação de dentro para fora; e, em última análise, destruindo o que conhecemos como republicanismo e capitalismo americano. [...]
>
> O marxismo é especialmente atraente e ativamente apoiado por indivíduos que consideram a construção da guerra de classes marxista entre opressor-oprimido interessante por várias razões. A primeira é que as pessoas querem pertencer a grupos, inclusive grupos étnicos, raciais, religiosos e econômicos. As pessoas encontram identidade, comunalidade, propósito e até valor pessoal nessas ligações. De fato, acredito que esse é o mais potente dos paradigmas de Marx, porque explora o apelo instintivamente humano e psicologicamente emocional para criar aderentes e revolucionários apaixonados e até fanáticos. [...]

> O indivíduo é desumanizado e não é nada, a menos que se identifique com um grupo – o grupo oprimido e vitimizado. E os indivíduos que criam grupos opositores, ou não conformes, são coletivamente desumanizados, condenados e odiados como inimigos. (2021, p. 08, 14)

Os revisionistas perceberam que não era mais possível implementar a revolução, no sentido do marxismo ortodoxo. Foi assim que, em meio a muita teorização, debates e reflexões passou-se a optar pelo retorno à dialética hegeliana, adaptando-a ao mundo das formas de pensar e da cultura.

Transformar a cultura e destruir as tradições, seria uma forma de mudar a maneira das pessoas perceberem o mundo e a si-mesmas. Inicia-se assim, uma guerra cultural que teve como elementos impulsionadores de destaque, a Escola de Budapeste com Gyorgy Lukács, a Escola de Frankfurt, Gramsci, os "pensadores franceses" e, mais recentemente, Saul Alinsky. No decorrer da elaboração e implementação destas novas teorias, adaptadas do marxismo e do anarquismo, no século XX, no conjunto, passou-se a chamar de **Marxismo Cultural**.

Podemos tomar como uma grande síntese do "pensamento revolucionário", a obra do francês Michel Foucault. Infelizmente, muito pouco lido no Brasil e por isso mal interpretado, não são poucos os supostos "intelectuais" que fazem de Foucault, o estandarte predileto de suas bandeiras revolucionárias.

Apesar da obra de Foucault ser uma síntese de muitas teorias revolucionárias que chegaram ao seu tempo, a forma como ele elabora essa construção, merece a nossa atenção. Foucault denomina o seu método, os seus fundamentos epistemológicos de: genealogia e arqueologia do saber. Nesse sentido, Foucault fez o que todos revolucionários sempre fizeram. Buscar aqui e ali, alguns elementos que sustentem o seu discurso revolucionário.

Além disso, Foucault fez parte de um grupo de intelectuais franceses que aderiram à Escola do Estruturalismo. Essa Escola defendia, *grosso modo*, que para entender uma sociedade era preciso identificar as principais instituições de uma sociedade e entender como estas instituições se relacionavam. Deste modo poderia ser possível identificar a estrutura e dinâmica de qualquer sociedade.

Passado um tempo, Foucault migra para uma dissidência do Estruturalismo, que passou a se chamar pós-estruturalismo. Qual a influência destas linhas teóricas nas teorias de Foucault? Para Foucault a estrutura da sociedade moderna é voltada inteiramente para a repressão de toda espécie. Essa repressão é exercida, muitas vezes, de forma sutil através das Microfísicas do Poder. Por isso, então, a sociedade ideal é aquela na qual, as pessoas não sofrem nenhum tipo de repressão. Ou seja, uma sociedade anárquica, sem normas, sem regras. Essas teorias de Foucault foram recentemente adaptadas e geraram clamor e protestos contra uma sociedade acusada de ser repressora e discriminadora, que se apresenta através do “racismo estrutural”, “homofobia estrutural” etc.

Como afirma Jean Sérvillia no e livro **“O Terrorismo Intelectual: de 1945 aos nossos dias”**,

> Após os eventos de maio/68, a primeira providência a ser tomada é a recuperação dos alicerces da sociedade. Nação, Estado, família, educação, empresas, Exército, Igreja, tudo é considerado material de demolição. [...]
>
> Entre os intelectuais, esse reordenamento se efetivava por intermédio de um instrumento conceitual – o estruturalismo. [...]

> "É proibido proibir". O célebre bordão exprime a essência filosófica do pensamento de 1968: o individualismo radical. Toda autoridade era contestada. Toda pressão é suspeita. A moral, as estruturas sociais, as tradições e a cultura clássica são consideradas escravizantes. O que conta é a satisfação das necessidades individuais. [...] Não há mais normas objetivas sobre o bem e o mal; perdeu-se completamente a noção de erro. Não é o delinquente que é culpado, mas a sociedade.
>
> A família, agora, não mais ensina as regras da vida aos seus filhos, mas se sujeita às suas vontades. A função da escola de transmitir sabedoria foi substituída pela de assegurar a livre manifestação dos alunos que não estudam mais as lições, nem podem sofrer sanções. (2009, p. 80, 81,82).

Michel Foucault terminou por se tornar um dos mais proeminentes *gurus* da *New Left*, a nova esquerda. Apesar de só ter sido tomado conhecimento da sua obra, aqui no Brasil, a partir da década de 1990, a sua penetração e preponderância no ambiente acadêmico brasileiro foi de rápida ascensão.

Sobre Foucault, afirma Roger Scruton em seu livro, **"Tolos, Fraudes e Militantes: pensadores da Nova Esquerda"**,

> Sua imaginação e fluência intelectual geraram teorias, conceitos e insights às dezenas, e a poesia sintetizadora de seu estilo se eleva acima da lama turva dos textos de esquerda como uma águia sobre o pântano. [...]
>
> A linha unificadora se suas obras iniciais e mais influentes é a busca de estruturas secretas de poder. O poder jaz por trás de cada prática, instituição e linguagem, e o objetivo de Foucault é desmascará-lo e, desse modo, libertar suas vítimas. Ele originalmente descreveu seu método como "arqueologia do saber" e seu tema como a verdade – a verdade considerada produto (e não produtor) do "discurso", retirando forma e conteúdo da linguagem que se transmite. (2018, p. 142, 143)

Foi se referindo a estes *gurus* da nova esquerda, que Thomas Sowell, os chamou de "ungidos". No seu livro, **"Ungidos: a fantasia das políticas sociais progressistas"**, ele afirma:

> O que uma visão pode oferecer, e o que a visão predominante do nosso tempo oferece de forma pública, é um estado especial de graça para aqueles que acreditam nela. [...]
>
> Os ungidos contemporâneos, e aqueles que os seguem, veem em sua "compaixão" pelos menos afortunados, na sua "preocupação" com o meio ambiente e no fato de serem "antiguerra", por exemplo,

> como se essas fossem características que nos distinguem daqueles com opiniões opostas em políticas públicas. [...]
>
> Não é uma visão sobre a tragédia da condição humana: problemas existem porque outros não são tão sábios e virtuosos quanto os ungidos. (2022, p. 21, 23)

É também significativa a contribuição de James H. Billington no seu livro, **"A fé Revolucionária: sua origem e História"**,

> Revolucionários modernos são crentes, cujo o comprometimento e intensidade nada deixam a desejar a cristãos e mulçumanos de épocas passadas. A novidade está na crença de que uma ordem secular perfeita emergirá da derrubada violenta da autoridade tradicional. Essa ideia inerentemente desarrazoada deu dinamismo à Europa no século XIX e se tornou o mais bem-sucedido produto ideológico de exportação do Ocidente para o resto do mundo no século XX. [...]
>
> No centro do palco está o típico revolucionário europeu do século XIX: um pensador entusiasmado por ideias, não um operário ou camponês deprimido pela fadiga. Ele fazia parte de uma pequena elite, cuja história deve ser contada "desde cima", por mais que isso possa desagradar àqueles que acreditam que a história em geral (e a história revolucionária em particular) é basicamente feita mediante pressões socioeconômicas "vindas de baixo". (2020, p.15)

Qual a origem ideológica dos *gurus* pós-modernos? A grande diferença entre a modernidade e pós-modernidade está no fato de que, a modernidade, enfatizou a razão iluminada, que poderia prover o ser humano de toda sabedoria que lhe fosse necessária. A pós-modernidade trouxe em seu arsenal, todas as heresias gnósticas que a modernidade chamou de filosofia, com uma grande diferença; **na pós-modernidade, o racional foi substituído pelo irracional**. As virtudes que ainda resistiam ao tempo e aos ataques das filosofias revolucionárias foram substituídas por uma nova moral, que prega o desprendimento de qualquer obstrução à **satisfação dos instintos**.

O mais importante de tudo isso é observar o quanto, toda e qualquer ideologia, trabalha para a formação da planificação das consciências. Em outras palavras, que as ideologias trabalham para a massificação das consciências, para gerar movimentos de massa, de multidões.

Em **"A Loucura das Massas: gênero, raça e identidade"**, Douglas Murray reflete:

> Vivemos um grande transtorno das massas. Em público e em particular, on-line e off-line, as pessoas adotam o comportamento de manada, agindo de maneiras cada vez mais irracionais, febris e simplesmente desagradáveis. O ciclo diário de notícias está repleto

> das consequências desse comportamento. Embora vejamos os sintomas por toda parte, não enxergamos as causas. [...] Pois, muito abaixo desses eventos cotidianos, ocorrem movimentos e eventos muito maiores. Está na hora de começarmos a confrontar as verdadeiras causas do que está dando errado. (2020, p. 09)

É sobre isso que tratamos, quando estamos querendo entender o fenômeno das "**áreas conflagradas**". Nesses espaços territoriais se manifestam o mais completo vazio existencial. Uma expressão absurda do niilismo do nosso tempo, ou seja, a ausência de sentido para a existência. Mas, como precisamos encontrar um sentido, qualquer que seja, nos apegamos ao que temos em mão. Assim, o matar e o morrer ou usar drogas para preencher esse vazio existencial, termina por torna-se, a alternativa mais imediata.

Em livre tradução é sobre isso que Albert Camus se refere em seu livro ***"El Hombre Rebelde"***, quando diz:

> A revolução dos princípios mata Deus na pessoa de seu representante. A revolução do século XX mata o que resta de Deus, nos princípios mesmos e consagra o niilismo histórico. Qualquer que seja depois, as vias tomadas por esse niilismo, desde o instante em que quer criar o século, fora de toda regra moral, constrói o templo de César. [...] Os que se precipitam na história em nome do irracional, gritando que a história não tem o menor sentido, encontram a servidão e o terror desembocando no universo dos campos de concentração. [...]
>
> Assim, o movimento de rebeldia se apoia, ao mesmo tempo, na negação categórica de uma instrução julgada intolerável e em uma certeza confusa de um direito justo, exatamente na impressão de que o homem em rebeldia tem direito a... [...]
>
> Se o crime tem suas razões, nossa época e nós mesmos, somos responsáveis. Se não a temos, estamos na loucura e não há mais saída que encontrar. Ou somos responsáveis também, ou voltamos as costas. [...] Se não se crê mais em nada, se nada tem sentido e se não podemos afirmar mais nenhum valor, tudo é possível e nada tem importância. [...] Sem prós nem contras, o assassino não tem culpa nem razão. [...] Maldade ou virtude são azar ou capricho. (2008, p. 285, 21, 11)

Agora devem ficar mais claros os interesses que envolvem **o estabelecimento da revolução sexual e das drogas**. O primeiro objetivo é **manter as pessoas de alguma maneira embriagadas**. Seja a embriagues do sexo sem limites ou o uso de narcóticos, as pessoas que adotam esses tipos de comportamentos, na verdade se tornam escravas das mesmas relações de poder, cujos representantes tão frequentemente, lhes prometem liberdade e democracia.

Uma vez adotadas essas práticas comportamentais, as pessoas são induzidas pelos mais diversos meios a criarem uma identidade individual e de grupo. Formam-se assim, o que muitas vezes se chama de "**tribos urbanas**", "**gangues**" ou "**coletivos**". Nesse estágio, já não há a mínima capacidade de compreensão da realidade. Tornam-se então manipuláveis e sensíveis a mais promessas e anseios, que as tornam sempre presas a estes tipos pós-modernos de escravidão.

O processo de dessensibilização ocorre prioritariamente, através de notícias e discursos diversos, que levam a uma normalização de tais comportamentos. Essa dessensibilização desumaniza as pessoas fazendo com que retornem à necessidade de saciamento dos instintos mais animais, que permanecem adormecidos ou controlados em cada um de nós.

O resultado está aí, à vista de todos. Pessoas de todas as idades, raças e condições socioeconômicas etc., dividindo o mundo entre, "**a nossa moral e a deles**". A **Matrix** formada sutilmente com a ajuda das novas tecnologias e meios de comunicação, legitimam e entregam de bandeja, tudo aquilo que o processo civilizacional tentou conter ou extinguir.

4. Perspectivas e Conclusões

É muito importante ressaltar que, todas as informações citadas e analisadas, no corpo deste ensaio são, apenas, exemplos pontais que devem contribuir para a compreensão do fenômeno abordado. Como pôde ser visto, existe até hoje, uma distância muito grande entre as propagandas de combate ao tráfico de entorpecentes e outros crimes, e as políticas de Estados e governos, diante da complexidade do quadro real. Os surgimentos de novas máfias e a integração das já existentes nas engrenagens de produção, vendas e lavagem de dinheiro ocorreram com a participação ou conivência, das mais renomadas autoridades de países em todo mundo ocidental.

Diversas estratégias foram utilizadas para fazer expandir a narcotização das consciências. Além das que já foram expostas, anteriormente, as experiências

localizadas, oriundas de grupos de pessoas que, consagravam e ainda consagram, algum tipo de droga, de preferência alucinógenas, ao status de "divindade iluminada", prometendo a "expansão da consciência" e "iluminação espiritual" é apenas um exemplo. Porém, estes exemplos foram extrapolados para muito além das fronteiras de cultos místicos e colocadas como opção e estilo de vida para as massas em geral.

Foram e ainda são fartamente utilizadas também, obras literárias, artistas, cantores e outras personalidades de destaque, com o objetivo maior de expandir e concretizar, o projeto de entorpecimento das massas. Também, a experiência de narcotização de soldados em guerras recentes, como por exemplo, no Vietnã, foi em seguida, intensamente direcionada, com o mesmo propósito de fazer as pessoas "aliviarem o *stress*", através do uso de narcóticos. Pessoas dependentes de narcóticos, embriagadas ou não, perdem a capacidade de percepção da realidade.

A lavagem cerebral de longo prazo, empreendida pelos mais diversos meios, produziu seus efeitos, e eles estão aí, à vista de todos. Provocar constantes turbulências sociais, questionamentos e crises morais consecutivas é uma técnica extremamente eficaz, para gerar uma **psicose coletiva controlada**.

Outra técnica muito promissora para criar esse quadro é adotar a dissociação cognitiva que consiste em fazer com que as pessoas percam ou reduzam bastante, a capacidade de distinguir a fantasia da realidade. A ênfase no entretenimento! Tudo isso pode induzir, sutilmente, mudanças significativas no psiquismo humano.

Ao fim, a fórmula diabolicamente perfeita, estava resumida no bordão da contracultura das décadas de 1960 e 1970: "drogas, sexo e rock'n roll". Assim, conduzir e reduzir multidões em seguidas gerações, a uma psicose coletiva controlada, foi uma questão de tempo.

Tudo isso serviu a muitos senhores. Políticos e governos de diversos países e partidos políticos viram nessa ofensiva uma maneira fácil de convencer multidões a aderirem aos seus discursos. Incrementados pelas novas tecnologias e adotando as aperfeiçoadas técnicas de manipulações de comportamentos, e das massas, foi muito eficaz o jogo de marketing, **para transformar democracias em baluartes de degradação e vilipêndio do ser humano**.

Políticas de segurança das fronteiras em países como o Brasil, quase inexistiram. Quando observamos, atualmente, sites de instituições que possuem como atribuição precípua, o combate ao narcotráfico, parece que estão mais preocupadas em atender às metas dos "**Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030**", das **Nações Unidas**, do que os seus propósitos institucionais fundamentais.

Como demonstrado, o *establishment* no Brasil, se formou a partir de uma relação entre elite *versus* povo, completamente apartado da realidade nacional. E, que se mantem com esmero, até hoje. A novas formas de **captura das consciências** e escravidão pós-modernas, têm no Brasil, um grande laboratório e exemplo.

Diante de tudo isso, podemos perguntar: há realmente interesse em erradicar o tráfico e consumo de narcóticos? As polícias brasileiras estão direcionadas para "combater" o tráfico de drogas e seus efeitos colaterais, ou são mais utilizadas como controladoras da criminalidade? Já se vão quatro décadas, nas quais, políticas públicas de segurança foram renovadas com bandeiras estridentes de soluções para a questão.

Será que o tráfico de narcóticos, tráfico de pessoas, lavagem de dinheiro, contrabandos etc., mudaram tanto assim? Sabemos que a delinquência organizada muda constantemente no sentido de rotas, uso de novas tecnologias etc. Porém, em essência, o *modus operandi* e seus objetivos são sempre os mesmos.

Cada campanha, leis ou decisões judiciais que visam a "liberalização" do uso de narcóticos beneficia, primeiramente, o mercado consumidor, conquistado e mantido à força, pelos produtores e vendedores de drogas, que não estão apenas nas favelas. Os verdadeiros dono do poder paralelo, não são os varejistas que aparecem diariamente, nos noticiários sobre "violência urbana".

Agora, o ápice do orgasmo existencial, no vazio pós-moderno, só pode ser alcançado, por muitas pessoas, através de toda e qualquer sorte de crimes contra qualquer pessoa ou vilipêndios a si próprias. Num mundo devastado por falsas promessas de progresso e felicidade por aqui mesmo, num mundo em que já não existe nenhum estímulo a uma busca metafísica, para onde seguir? A pós-modernidade é também um ambiente, no qual, a transcendência foi tirada do cardápio existencial. Então, por que adiar e esperar, infinitamente, pela satisfação de desejos que podem ser satisfeitos plenamente, na intensa e badalada satisfação imediata? Por isso, Camus escreveu: "Ou somos responsáveis também, ou voltamos as costas." Quantas vezes aceitamos as propostas de rebelião e da revolução, mesmo que somente, em parte?

As denominadas "**áreas conflagradas**" resultam de tudo isso que foi, exemplificarmente, exposto. Depois que a Escola não cumpriu sua promessa de qualificação, depois que a família desapareceu e, as antigas tradições desceram pelo ralo em cada lugar, só restou como forma de identidade, a rebelião ou o crime. Essas opções tornaram-se facilmente disponíveis em cada avenida, beco ou em cada esquina.

Isso não vitimiza o crime, muito menos o criminoso, mas explica em parte, como tudo se formou. As polícias brasileiras, há quatro décadas, são chamadas a desarmar uma bomba, que foi colocada em seus colos, por uma negligência sistemática e combinada de diversos governos e partidos. O tráfico de narcóticos serviu a muitos senhores.

O "**Novo Vietnã**", nessa "**selva de pedras**", traz desafios peculiares. Que nunca pensem que, as semelhanças entre as, "área conflagradas" na América Latina, América Central, África e Oriente Médio são meras coincidências. Não são! Fazem parte de um projeto que já dura ao menos, um século e meio, para destruir a juventude e as novas gerações de cada lugar. Ao final, ficamos nos debatendo com estatísticas de quem está ruim ou pior.

Ao final, preparamos homens e mulheres em academias militares e policiais para manter o *front*. Mesmo que não saibam, estão sendo preparados para a manutenção de uma **guerra irregular** que, aos olhos humanos, não terá fim.

5. Bibliografias e Referências

ARBEX, Jr José; TOGNOLLIi, Claudio. **"O século do Crime"**. São Paulo – SP: Ed. Boitempo, 1996

BAKUNIN, M. "**Deus e o Estado"**. PDF, 2001

BENDA, Julien. **"A Traição dos Intelectuais"**. São Paulo – SP: Ed. Peixoto Neto Ltda, 2007

BILLINGTON, James H. **"A fé Revolucionária: sua origem e História"**. Campinas – SP: Ed. Vide Editorial, 2020

Cadernos no Terceiro Mundo. Matéria de Capa. **"Aliança entre Policiais e Ladrões"**. N. 169, 1994

CAMUS, Albert. **"El Hombre Rebelde".** Barcelona: Alianza Editorial, 2008

CHAVEZ AVAREZ, Manuel Gonzalo. **"Drogas, o poder paralelo"** Cadernos do Terceiro Mundo: N. 113, 1988

Concelho Pontifício para a Cultura. **"Cristianismo e a Nova Era: Jesus Cristo, portador da Água viva".** Campinas – SP: Ed. Ecclesiae, 2013

DALRYMPLE, Theodore. **"Qualquer Coisa Serve"**. São Paulo: Ed. É Realizações, 2016

DELPIROU, Alain; LABROUSE, Alain. **"Coca Coke: produtores, consumidores, traficantes e governantes"**. São Paulo; Ed. Brasiliense, 1986

DOUGLASS, Josefh D. **"Cocaína Vermelha"**. PDF, 1999

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **"Guerra Civil"**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2002

GUEVARA, Che. **"Guerra de Guerrilha: Memórias de um Terrorista".** In. MARIGHELLA, Carlos **"Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano".** PDF 2003

HICKS, Stephen R. C. Hicks **"Guerra Cultural: como a pós-modernidade criou uma narrativa de desconstrução do ocidente"**. São Paulo: Ed. Avis Rara, 2021

HOROWITZ, David; PERAZZO, John. "**Do Partido das Sombras ao Governo Clandestino**". São Paulo: Ed. Armada, 2018

JONES, E. Michael. **“Modernos e Degenerados: a modernidade enquanto racionalização da perversão”**. Campinas – SP: Ed. Vide Editorial, 2021

LEVIN, Mark R. **“Marxismo Americano”.** São Paulo: Ed. Citadel, 2021

LOUZEIRO, José **“A riqueza vem do pó”**. N. 125, 1989

Marx, Karl**;** Engels F. **“Manifesto do Partido Comunista”.** São Paulo: Ed. Martin Claret, 2000

Marx, Karl. **“Oulanem”**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2018

MARIGHELLA, Carlos. **“Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano”.** PDF 2003

MILLS, James **“O Império Subterrâneo: onde o crime e os governos de encontram”**. São Paulo: Ed. Best Seller, 1986

MURRAY, Douglas. **“A Loucura das Massas: gênero, raça e identidade”**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2021

RODRIGUES, Ricardo Vélez. **“Da Guerra à Pacificação: a escolha colombiana”**. Campinas – SP: Ed. Vide Editorial, 2010

SARINGER, Giuliana. **“Brasil tem 72 facções ligadas ao tráfico de drogas, diz pesquisa”** https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/06/08/brasil-tem-72-faccoes-ligadas-ao-trafico-de-drogas-diz-pesquisa.htm?cmpid=copiaecola

SCRUTON, Roger. **“Tolos, Fraudes e Militantes: pensadores da Nova Esquerda”**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2015

SÈRVILLA, Jean. **“O Terrorismo Intelectual: de 1945 aos nossos dias”**. São Paulo: Ed. Peixoto Neto, 2009

SOWELL, Thomas **“Ungidos: a fantasia das políticas sociais progressistas”**. São Paulo: Ed. LVM, 2022

THORNTON, Mark Criminalização: Análise Econômica da Proibição das Drogas. São Paulo: Ed. LVM, 2018

VISACRO, Alessandro. **“Guerra Irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história”**. São Paulo: Ed. Contexto, 2009

ZIEGLER, Jean. **“Senhores do Crime: as novas máfias contra a democracia**”. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2003